

## CONTRA O APAGAMENTO DA HISTÓRIA: REESCREVENDO A HISTÓRIA NEGRA POR MEIO FICCIONAL EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

**Maria Izabella Souza de Lima**

*Mestranda do Programa de Pós Graduação em Teoria e História  
Literária da UNICAMP- SP, m264286@dac.unicamp.br;*

### Resumo

Este trabalho é um fazer científico, mas é também um longo tear de memória, de lutas e resistências contra os eternos apagamentos, sejam eles históricos, ou da subjetividade. Portanto, como exercício de repensar a centralidade de estudos e de ouvir aqueles que foram calados por tempo demais, tenho como objetivo refletir sobre a importância da narrativa feminina negra como forma de não apagamento histórico de pessoas pretas, uma verdadeira reescrita da história. E de como a sua inscrição, mesmo por meio da ficção, é uma afirmação política da (r)existência desses corpos. Uma tentativa de resgatar e reescrever uma estrutura social de opressão e segregação. Assim, proponho o diálogo dos conceitos de história e descolonização encontrados em Achille Mbembe (2014; 2018). E de palavra e escrita como forma de descolonização para a pessoa negra e como a memória é fundamental para a sua escrita em Grada Kilomba (2019). Para, então, compreender a narração como forma de reescrita da memória negra por meio das vozes-mulheres no romance Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior.

**Palavras-chave:** História negra, Apagamentos, Descolonização, Reescrita, Literatura de resistência.

*“Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade [...] tornamo-nos sujeito.” (KILOMBA, 2019, p. 238).*

## Introdução

Este artigo é um fazer científico, mas é também um longo de memória, de lutas e resistências contra os eternos apagamentos, sejam eles históricos, ou da subjetividade. É importante nestas primeiras linhas já posicionar as minhas escolhas textuais e críticas, pois a minha busca é de dar visibilidade às narrativas negras, e de propor um outro olhar aos testemunhos de pessoas não brancas, sobretudo por ser uma mulher negra.

Por muito tempo temos tido como centralidade de estudo o homem branco, posteriormente com o feminismo, a mulher branca. Formas binárias ocidentais que se retendem universais, mas que são apenas padronizações excludentes, incapazes de contemplar a pluralidade de sujeitos, corpos, raça e classe (OYĒWÙMÍ, 2020, p. 93).

Por isso, como exercício de repensar a centralidade de estudos e de ouvir aqueles que foram calados por tempo demais, tenho como objetivo refletir sobre a importância da narrativa feminina negra como forma de não apagamento histórico de pessoas pretas, uma verdadeira reescrita da história. E de como a sua inscrição, mesmo por meio da ficção, é uma afirmação política da (r)existência desses corpos.

Uma tentativa de resgatar e reescrever uma estrutura social de opressão e segregação. Não obstante que no romance analisado, uma das protagonistas têm a língua decepada por uma faca – objeto de defesa e mutilação – e com isso, o silêncio lhe é imposto, obrigando que a sua irmã torne a sua voz única para as duas. Ao mesmo tempo que esse caráter de unicidade das vozes esbarre em questões identitárias e de suas individualidades. Nos mostrando os diversos olhares que uma mesma história pode ter, e que estes devem ser ouvidos.

## Metodologia

Assim, proponho o diálogo dos conceitos de história e descolonização encontrados em Achille Mbembe Sair da Grande Noite: um ensaio sobre a África descolonizada (2014) e Crítica da Razão Negra (2018). E de palavra e escrita como forma de descolonização para

a pessoa negra e como a memória é fundamental para a sua escrita em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019) de Grada Kilomba. Para, então, compreender a narração como forma de reescrita da memória negra por meio das vozes-mulheres no romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior.

## Resultados e discussão

### Repensar a história: descolonização e reparação

Achille Mbembe possui uma preocupação, em diversas obras, com o campo da História, principalmente com questões desta área do conhecimento que tocam o continente africano, ao longo do século XX. Por isso, em *Sair da Grande Noite: um ensaio sobre a África descolonizada* (2014) possui como objetivo fazer um panorama de como está o continente africano, tanto físico, como emocional e psíquico. Analisando questões como a miscigenação, a memória, a história, a colonização e a descolonização.

Logo no começo, caracteriza o conceito de colonização, que é um dispositivo, uma trama de certezas que vencem sem ter razão. Responsável por um sistema econômico extrativo e predatório, aprisionando as pessoas numa condição de “indignidade, desprezo e humilhação” (MBEMBE, 2014, p. 19 a 23). É como uma grande noite escura para a história da humanidade. Durante todo o texto é notável o diálogo com outros autores como Aimé Césaire e Frantz Fanon, sobretudo para entendermos que por meio do Iluminismo, mascarado como movimento de razão e progresso, a Europa propagou uma ideia reducionista do que seria “humanista” e universal, enquanto escravizava e silenciava outros diversos seres humanos e lugares.

Mbembe deixa claro que a História é necessária para explicar o significado do passado e do presente, por meio da referência ao futuro (MBEMBE, 2001). Deste modo, aqui se retoma a agência e autonomia do historiador/a o compromisso ético com uma verdade histórica que deve olhar e compreender o passado e o presente, sempre dando sentido ao futuro. E superar a ideia “humanista” deturpada pelo Iluminismo, compreendendo a ideia de humanidade como algo em constante movimento.

Com isso, as sociedades pós-coloniais, devem adotar políticas de reparação para compensar os séculos de violência, não de vingança.

Afinal, a esses povos foi negado o direito de conhecer a sua história, de construir uma própria sem interferências. E sem registros ou acesso às suas ancestralidades, povos que foram colonizados e seus descendentes lidaram com instituições de ensino que normalizaram a obrigatoriedade do ensino das histórias europeias, que também serviram como parte das consolidações das colonizações mentais (MBEMBE, 2014, p. 38)

Por isto, a descolonização é um projeto político, um grande trabalho estético e epistemológico de reconstituição do sujeito, um conhecimento de si mesmo. Mbembe ainda diz que para retomar os primeiros sentidos da história é necessário “voltar as costas à Europa” (MBEMBE, 2014, p. 20), uma provincialização, que tal qual conceitua bem Chakrabarty (2007) é não tomar as as epistemologias europeias como modelo de todo.

Portanto, romper com a lógica de apagamento de sociedades e nações para além das fronteiras estabelecidas, como para o Oceano Atlântico, nos permitirá um olhar bem diferente a respeito da formação das sociedades humanas. Como também, a necessidade de destacar outros sujeitos históricos, que não sejam masculinos, brancos, de classes sociais, cisgêneros e cristãos (como já dito na introdução) produz um enriquecimento do olhar sobre a história também.

### **Discutindo políticas raciais e o conceito de “Negro”**

Já o que vou chamar a atenção em *Crítica da razão Negra* (2018), é a respeito da elaboração do conceito de “Negro”, proposto por Mbembe, que é sobre a evolução do pensamento racial europeu que o origina e sobre o “dever-negro no mundo” e as estratégias de invisibilidade que são usadas para mascarar o assunto. Começa discutindo a urgência em abrir a problemática da política da raça, do racismo e do colonialismo ao pensamento crítico, e da necessidade de deixar para trás a ideia de verdade absoluta, já discutida brevemente no livro anterior, salientando que, Stuart Hall é um intelectual que chamará atenção para isso.

O intelectual reafirma a imprescindibilidade da descolonização mental europeia para combater o racismo vigente tecido pelo capitalismo selvagem, onde o conceito de ser “negro” se atualiza. Aponta também que, dentro do imaginário europeu “negro” e raça tem significado a mesma coisa. Assim como os conceitos de escravo e de

negro que se confundem e são um só, durante o texto o intelectual mostra como o “negro” passa de homem-mercadoria (tráfico negreiro) a homem metal (exploração mineira em África), posteriormente, a homem-moeda (produto do capitalismo) (MBEMBE, 2018, p. 12), sendo estas as diferentes manifestações do conceito de “negro”.

Por isso, quando Achille refere-se a um “devir-negro do mundo”, está relacionado a um alargamento do conceito de “negro”, em que toda a humanidade corre o risco de se tornar negra, devido ao aumento das desigualdades. Ainda mais, baseado na condição de que todos estamos sujeitos ao neoliberalismo, portanto os modelos de exploração se atualizam, leia-se o modelo violento do tráfico atlântico de escravizados e colonização dos séculos XIX e XX, e olhar para todos como negros está associado a uma ideia de submissão e subserviência. Não diferente da lógica que vivemos em que ainda ouvimos frases como “trabalho de negro/preto” em referência a trabalhos braçais ou mais pesados.

É sobre essa atualização do racismo que Mbembe discute, e como o impacto dele e da ideia de raça no contexto de subalternização da Europa podem ser explicados pela história. Visto que, as formas de trabalho desumanas às quais os escravizados foram expostos estão na base dinâmica da subalternização. Assim, não se estranha a relação problemática entre separar a subjugação do “negro” da exploração capitalista. O racismo é um legitimador do capitalismo, que para operar a opressão e exploração precisa de pressupostos raciais. Por isso, os conceitos de raça e racismo estão em constante atualização.

Ideia que é retomada no final da obra, é um processo através da justiça, restituição e reparação: “para construir este mundo que é o nosso, será necessário restituir, àqueles e àqueles que passaram por processos de abstracção e de coisificação na história, a parte de humanidade que lhes foi roubada” (MBEMBE, 2018, p. 313). Ele defende que, somente restituindo e reparando aqueles que possuem cicatrizes e marcas na história será cumprida a justiça.

### **Contra o apagamento das mulheres negras através da escrita**

Continuando este caminho pela memória, e sobre a importância de uma reconstrução, trago os conceitos de escrita como forma de descolonização em Memórias da plantação: episódios de racismo

cotidiano (2019), que foi escrito pela intelectual negra, psicóloga, escritora e artista plástica Grada Kilomba.

No livro a autora discorre não só sobre situações de racismo cotidiano, como também de como por meio da palavra e da escrita a pessoa negra se descoloniza, e como a memória é fundamental para a construção da escrita. As palavras “plantação” e “memórias” mostram como o racismo não é apenas um passado colonial, mas também uma realidade traumática, sobretudo para mulheres negras.

Por isso, aqui o tempo da memória é o tempo do trauma, mas também o tempo de empoderamento e de construção de si. Assim, a escrita aqui é política, e se dá pela afirmação de ser como sujeito, e advém de um projeto de descolonização que caminha para além da negação do racismo, mas que busca resistência e oposição a ele.

[...]. Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/a escritora/escritor “validada/o” e “legitimado/a” e, a reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. [...] (KILOMBA, 2019, p. 28)

O conceito de memória vem a partir das experiências das entrevistadas que vão construindo as situações de racismo que viveram, mas também mostram situações de empoderamento, enfrentamento e reafirmação de si e de sua identidade. Por meio das entrevistas percebemos que o tempo da memória não é linear, e pode ou não, obedecer a uma ordem cronológica de explicação dos fatos. Pois é a temporalidade do trauma, do racismo, que o tempo todo remete do presente ao passado.

Por isso, a escrita em primeira pessoa é tão importante, visto que ela demarca a sua subjetividade, e é de alguma forma um incentivo para que outras pessoas pretas façam o mesmo. A escrita em primeira pessoa, é o primeiro ato de cura, pois ela diz: “sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como ato político. [...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha própria história” (KILOMBA, 2019, p. 28).

Por fim, a autora fala da necessidade do sujeito negro em se libertar dos aprisionamentos de ordem colonial, impondo limites,

afirmando a sua subjetividade como alguém independente da relação com o branco. Sendo a abertura para o branco negociada mediante abertura identificação positiva do sujeito negro com a sua negritude. Com isso, a descolonização se daria como processo de humanização.

## Reescrevendo a história negra pela narração ficcional feminina negra

Após esse percurso teórico, partimos para apresentação da obra *Torto Arado* (2019) que se mostra um caminho para uma nova inscrição da história por meio da memória. E antes de começar a discussão sobre o texto trago a fotografia por trás da capa da edição brasileira, que demonstra o cerne da história e a força que ele carrega, o facão como fio de corte e proteção. O romance de Itamar Vieira Junior, narra a vida dos trabalhadores rurais - quase todos negros, descendentes dos escravizados libertos há poucas décadas - de Água Negra, uma fazenda na região da Chapada Diamantina, interior da Bahia. No livro, as irmãs Bibiana e Belonísia são as personagens principais do romance, e desvelam a vida por meio do entrelace de suas vozes. Inclusive, a maior parte das personagens que constituem o livro é feminina.

Eles não recebiam salário para arar a terra, apenas morada, ou melhor, o direito a construir casas de barro e telhado de junco (construções de alvenaria eram proibidas) e cultivar roças no quintal quando não estivessem plantando e colhendo cana-de-açúcar e arroz nas terras do patrão. Só conseguiam ganhar algum dinheiro quando vendiam na feira a abóbora, o feijão e a batata cultivadas no quintal ou por meio da aposentadoria rural (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41/42 e 154)

O livro, dividido em três partes, cada um narrado por uma personagem, começa com uma cena impactante que é as irmãs Belonísia e Bibiana remexendo na mala de couro de caititu da avó Donana, encontrando uma faca afiada e um acidente que muda para sempre a dinâmica não só das irmãs, mas todo o desenrolar narrativo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 15). O interessante é como outras vozes se entrelaçam, nesse contar da vida dos moradores da fazenda Água Negra.

[...]. Quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência a partir

de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 23/24)

Há uma complexa rede de relações costurada através de segredos compartilhados nas brincadeiras de jarê, cuja potência vai sendo descoberta conforme os acontecimentos do livro. O pai das irmãs, Zeca Chapéu Grande, é uma das figuras centrais do romance, em que as dores, os encostos, as aflições e doenças são curadas pela sua mãe devido um dom que este tem. Mas nas mãos de Salustiana, parteira da fazenda e região, que as vidas surgem. E traz ao mundo filhos/as dos trabalhadores marcados pelo destino de trabalhar na terra seca e arada (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 39 e 56).

Com relação ao jarê, e as crenças religiosas, que são um fator marcante na narrativa, há um constante sincretismo das religiões de matriz africana e o realismo mágico, experimentando como essa simbiose é da ordem do cotidiano, e trazendo um caráter mítico à história. Fica clara a necessidade de representar a religiosidade e práticas do povo que ali morava, de caráter representativo e respeitoso. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 62/63).

Havia beleza nos cantos que antecederiam a aparição da encantada, e muito mais encanto quando meu pai deixava o quarto dos santos para dançar ao som dos atabaques, no meio da sala. Era um homem negro, mais baixo que minha mãe, e com um tom de pele mais claro que o nosso. Não era jovem, e carregava no rosto os traços da sua idade. Sulcos profundos, vales na sua pele erodida pelo sol e pelo vento, que ainda enfrentava todos os dias para plantar e ter direito à morada de sua família na fazenda. [...]. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 64).

As irmãs crescem em meio ao fio de corte, já que uma delas perde parte da língua no incidente que abre o romance, resta a uma o silenciamento, e a outra a tradução dos gestos e grunhidos. Enquanto, na idade adulta, Belonisia mistura-se à terra arada, tortamente arada, e

assim torna-se uma vida da fazenda. Bibiana não se contém em assistir as injustiças daquela vida, e luta pela emancipação e direito à terra.

E é sobre essas vozes-mulheres que vamos nos atentar mais, afinal, apesar de serem por muito tempo voz uníssonas, nos capítulos destinados à narração de cada uma, é perceptível como já tinham diferentes formas de olhar as situações. Isso fica mais claro quando, com a chegada do interesse afetivo há uma ruptura do diálogo entre as irmãs, pois amavam a mesma pessoa, o primo Severo. O retorno só acontece após Bibiana se acidentar no rio e precisar do apoio da irmã. A situação de silenciamento mútuo que vivem por estarem brigadas mostra-nos a força não só da amizade de ambas, mas de como uma situação de violência pode ser capaz de impactar os corpos (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 52/53).

E assim, conforme a narração avança nesta primeira parte intitulada “Fio de Corte”, narrada por Bibiana, esta mostra já seu interesse pelos estudos e as letras, um desejo também de “experimentar a vida, para ver o que poderia nos acontecer” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 73). Tal qual, o sentimento por Severo que cresce, ainda mais com a seca que abate a fazenda e faz com que tenham que colher buriti para vender e poder comprar comida. O relacionamento deles avança, há a descoberta de uma gravidez e o planejamento de fuga para a cidade. Algo que se concretiza após Sutério levar parte do pouco de comida que conseguiram juntar. Mas partir era doloroso, pois significava levar uma parte da sua irmã consigo.

[...]. Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 87).

No trecho acima, fica clara a importância do falar, e mais do que isso, de se expressar, sobretudo em situações de opressão e zombaria, a linguagem é o centro do romance. Uma das formas de curar o trauma colonial e romper com expectativa que se tem sobre mulheres negras, como vimos em Kilomba (2019). Mesmo Belonísia tendo

vergonha dos sons que produzia, nunca se deixou subjugar, mesmo em silêncio se colocava ativa. A sua fuga era o cuidado com a terra, o que a aproximava cada vez mais de seu pai.

Através da terra do sonho começa a narração de Belonísia no capítulo intitulado “Torto arado”, ficando notável como ela se sentia deslocada em sala de aula, pois seus interesses se voltavam para o arado e comparava as ambições da irmã com as suas, concluindo que “por sermos diferentes naquele entendimento, tivéssemos certo equilíbrio em nossos vínculos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 98). O que me remete a importância de levar em consideração outros olhares sobre a história como vimos em Mbembe (2014), compreender que as diferenças produzem equilíbrio e permitem a fuga de uma verdade única é o verdadeiro descolonizar de pensamento (MBEMBE, 2018).

Pelas palavras de Belonísia, acompanhamos como ficou a família após a partida da irmã, e da mágoa que sente por não ter tido a oportunidade de se despedir, pois sabia que ela esperava um bebê. Conta da escola que continua dando certo, e que a construção fica pronta, mas o seu interesse diminui cada vez mais. A seca ainda é persistente, e depois vem uma temporada de chuvas que destrói as plantações e casas.

Acompanhamos o seu desejo de ser mãe, e por isso, o seu interagir com Tobias, que vem a ser seu marido pouco depois, o que causa arrependimento, já que ele se mostra uma pessoa violento, alcoólatra, que constantemente a humilha pelo silêncio e a não submissão (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 115/116). Em sua voz conseguimos olhar como era a condição da mulher na história: “[...]. Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas. [...]” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 119).

Essa mesma condição que a faz confrontar o marido de Maria Cabocla após ele ter batido na mulher, e com a força da faca de sua avó - encontrada nas águas assim que vai morar com Tobias -, resolve ir a casa dos pais, pois algo dentro dela acorda e a faz ficar alerta com o comportamento do marido. Coincidentemente, marca também o retorno de sua irmã, agora com quatro filhos e mais madura. O que a lembra do acontecimento de anos atrás quando foi emudecida, usando a metáfora do torto arado para se referir a si como “infértil, destruída, dilacerada” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 127). Tempos depois,

ele é encontrado morto, e ela decide não só ficar na casa que tinham juntos como também “ Não pretendia me juntar de novo a alguém, não queria casar nunca mais. Conservaria a casa e o pedaço de terra que a cercava porque talvez fossem tudo que pudesse ter na vida” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 141).

Com a volta da irmã reacende em Belonísia o desejo pelas palavras e pela escrita, e como a sua vontade de ter um caderno para registrar as memórias vai ficando mais forte, principalmente em “[..]. Quando sento quieta para costurar uma roupa velha ou levanto a enxada para devolvê-la de novo ao chão, abrindo covas, arrancando as raízes das plantas, é que esse fio, que tem sido meu pensamento, vai se fazendo trama” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170).

As páginas finais, são marcadas pela morte de Zeca Chapéu Grande, devido a idade e anos de trabalho pesado, e de Severo devido a sua atuação política com relação a regulamentação das moradias dos moradores de Água Negra e o “desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo que fazíamos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 187). Com as mudanças burocráticas na terra, casas mais duradouras e melhores puderam ser construídas, e tempos de estiagem e boa colheita chegaram. As memórias relativas a como o povo chegou ali e construiu morada, tal como a história de Donana e de como Zeca se tornou o homem que era são contadas também, desta vez narradas por uma encantada, que viria a estar no corpo de Belonísia. E sente que “desde sempre o som do mundo havia sido a sua voz” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 248).

Por fim, é uma trama sobre desigualdade, visto que os donos da fazenda não pagam seus trabalhadores e não os permite construir casa, sendo assim, sempre há a sensação de não pertencimento. Da fome, quando a seca assola a fazenda e eles se vêem sem nada a comer por dias (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 70); da agressão familiar, por meio dos hematomas e pedido de ajuda que apresenta Maria Cabocla (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 118/119). Da perda, daqueles que em meio a luta são mortos, e pelos mais velhos que o tempo se encarrega de levar. E do medo e ancestralidade, do povo que veio de longe, apartados de sua terra e pela sobrevivência tem de obedecer aos seus algozes, mas que os da força para lutar e mudar as coisas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178).

## Considerações finais

Depois de toda essa caminhada teórica, ficcional, e sobretudo, de compreender a importância do papel da história e da memória para e sobre corpos negros. É interessante recuperar um trecho de uma entrevista que Vieira Junior cedeu ao jornal *Época*, em uma das partes ele fala sobre escrever sobre aquilo que o incomoda, e cito:

Tenho uma fé imensa na literatura, porque ela permite uma mudança de papéis. Quando você abre um livro, estabelece um contrato com o autor e os personagens. Durante o tempo daquela leitura, você vai viver um pouco daquelas vidas, o que pode provocar repulsa ou empatia', explicou. 'Escrevo sobre os meus incômodos porque talvez esses incômodos incomodem outras pessoas, para que, nesse jogo de escrita e leitura, nós pensemos um mundo novo, mais humano e capaz de contemplar toda a nossa diversidade.

Assim como ele, em minha opinião a literatura é um dos caminhos possíveis para a mudança de muitas coisas, dentre elas a história. Ainda que muitas cumpram com seu papel ficcional, é pelo campo da esperança e do sonho que podemos resgatar a beleza daquilo que se perdeu com a colonização, o valor da história oral, da ancestralidade e dos mais velhos. Como sempre mostra em seus textos Conceição Evaristo.

Esse livro mostra que histórias devem e podem ser reescritas, através de narrativas e testemunhos ficcionais. Mas também, através da valorização de um povo e de sua cultura. Por isso que, ao trazer teóricos como Mbembe e Kilomba, que em seus textos salientam a necessidade da descolonização e da saída do mundo do obscurantismo que os processos colonizadores nos deram.

Atentam, em muitas linhas, para uma reescrita de si mesmo através de um conjunto de críticas e revisões, que operam no campo historiográfico e no campo mental. Esses intelectuais nos revelam a busca por um conhecimento ancestral não ocidental, de olhar por outras simetrias e, assim, garantir um futuro mais justo e reparador. Nos impulsionam para a busca de uma história descolonizada e representativa que contemple todas as singularidades e diferenças existentes, não mais tendo uma verdade absoluta como modelo.

Termino esse texto agradecendo a todas as vozes-mulheres que vieram antes de mim, e que me proporcionaram o dom da escrita e da escuta. E com essa passagem do romance:

Selvagem, conhecia a terra como ninguém. Me uni ao seu corpo para vagar pela terra, para correr os marimbus, atravessar cercas, pelos rios, por casas e árvores mortas. [...]. Seu nome era coragem. [...]. Foi cavalgando seu corpo que senti que o passado nunca nos abandona. [...]. Filha da gente forte que atravessou um oceano, que foi separada de sua terra, que deixou para trás sonhos e forjou no desterro uma vida nova e iluminada. Gente que atravessou tudo, suportando a crueldade que lhes foi imposta. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 261)

## Referências

ARENDDT, Hannah. “Verdade e política”, in: H. Arendt, Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp. 282-325.

CHAKRABARTY, Dipesh. Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton University Press, 2007.

FANON, Frantz. Condenados da terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras branca. Salvador: EDUFBA, 2008.

GABRIEL, Ruan de Sousa. A poética do sertão pelo bem sucedido “Torto Arado”: Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/a-poetica-do-sertao-pelo-bem-sucedido-torto-arado-2389445> > Acesso em: 28 de nov. de 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão negra. Tradução Sebastião Nascimento, São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. Sair da Grande Noite. Ensaio sobre a África descolonizada, Angola: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho, 2019.

MBEMBE, Achille. “Formas africanas de auto-inscrição” In: Revista Estudos Afro-Asiáticos, ano 23. pp 171-209. 2001. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/luarnaut/Mbembe-Formas%20africanas%20de%20auto-inscricao.pdf>> Acesso em: 28 de nov. de 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio negro. Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: Hollanda, Heloisa Buarque (org). Pensamento feminista - perspectivas decoloniais, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2020.

QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, in: Lander, E.; CASTRO-GOME, S. (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. In: Revista Tempo e Argumento, vol. 2, núm. 1, Jan-Jun. Universidade do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, 2010. pp. 3-20. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338130372002>. > Acesso em: 01 de dezembro de 2020.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado, São Paulo: Todavia, 2020.